



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS CERRO LARGO**  
**CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS E ESPANHOL LICENCIATURA**

**GRACIELA FERREIRA MACHADO**

**AS VARANDAS DA EVA**  
**UM DISCURSO MEMORIALÍSTICO?**

**CERRO LARGO**  
**2016**

**GRACIELA FERREIRA MACHADO**

**AS VARANDAS DA EVA  
UM DISCURSO MEMORIALÍSTICO?**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
apresentado como requisito para obtenção de  
grau de Licenciatura em Letras Português e  
Espanhol, da UFFS - Universidade Federal da  
Fronteira Sul, *Campus* Cerro Largo.

Orientadora: Professora Dr.<sup>a</sup> Cleuza Pelá

**CERRO LARGO  
2016**

## DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Machado, Graciela Ferreira

As Varandas da Eva: Um Discurso Memorialístico?/  
Graciela Ferreira Machado . -- 2016.

27 f.

Orientadora: Cleuza Pelá.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Letras  
Português e Espanhol Licenciatura, Cerro Largo, RS,  
2016.

1. Leitura. 2. Texto literário. 3. Narrativa de  
memórias. I. Pelá, Cleuza, orient. II. Universidade  
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**GRACIELA FERREIRA MACHADO**

**AS VARANDAS DA EVA  
UM DISCURSO MEMORIALÍSTICO?**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura de Letras Português e Espanhol, da UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Cerro Largo*.

Orientadora: Professora Dr.<sup>a</sup> Cleuza Pelá.

Este trabalho de Conclusão de Curso foi defendido e aprovado pela banca em: 23/06/2026.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cleuza Pelá – UFFS – *Campus Cerro Largo*

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Me. Sandra Mariani Batista – URI – Santo Ângelo

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Séri G. Bolter – UFFS – *Campus Cerro Largo*

## DEDICATÓRIA

Aos dois Luíses de minha vida:

Luís Carlos e Luís Fernando.

Luzes que me alimentam a alma!

À Eva, minha mãe (*in memoriam*), que

com suas palavras sábias sempre me iluminou!

Ao Amador, meu pai, que me incentivou a descobrir o bilinguismo!

## AGRADECIMENTOS

. A Deus, a força e por ter tido a oportunidade de voltar a estudar;

. À minha família, meu marido Luís Carlos, o apoio em casa, nas tarefas do cotidiano e com o meu filho Luís Fernando;

. À UFFS- Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Cerro Largo, ao Curso de Letras Português Espanhol Licenciatura, representado pela Coordenadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cecília G. Teixeira e a todo seu corpo docente, a atenção e o apoio durante a minha formação docente;

. À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cleuza Pelá, minha orientadora, a escuta paciente, a orientação para uma escolha adequada para o trabalho e as dicas de organização do texto e sua reescrita;

. À Banca Examinadora, Prof.<sup>a</sup> Me. Sandra Mariani Batista e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Serli G. Bolter, as contribuições para enriquecer este trabalho;

. Às minhas colegas de turma e, em especial, Adriana Stein e Janaine Politoski, o compartilhamento dos conhecimentos e as conversas afetuosas.

## **Resumo**

O tema deste artigo é o discurso memorialístico (DM) em uma narrativa breve. O DM permite filtrar acontecimentos e experiências que se tornaram imagens e sons na memória e dão um outro sentido a eles, em função de uma nova vivência, uma nova situação. Nesse sentido, este texto objetiva-se analisar o DM no conto “Varandas da Eva”, de Milton Hatoum (2014). Como ponto de partida para resgatar e ordenar lembranças juvenis, um narrador-personagem adulto busca compreender fatos passados e entender o que não lhe fazia sentido em um determinado ponto de sua vida. Desse modo, partindo da leitura do texto literário e do conceito de discurso memorialístico, observa-se o modo como são organizadas essas lembranças na narrativa de Hatoum, bem como quais são as marcas linguístico-textuais que indicam um tempo psicológico, em que os acontecimentos, os fatos, que seguem uma linha cronológica, são reapresentados e revividos. Espera-se, assim, com esse estudo contribuir para práticas de leitura e de formação de leitores no ensino fundamental.

**Palavras-chave:** Leitura. Texto literário. Narrativa de memória.

## RESUMEN

El tema dese artículo es el discurso memorilístico (DM) en una narrativa curta. El DM permite filtrarse acontecimientos y experiencias que se cambiaran imágenes y sones en la memoria y ponen un otro sentido para ellos, en función de una nueva vivencia, una nueva situación. En ese sentido, este texto objetiva analizar el DM en lo cuento “Varandas Da Eva”, de Milton Hatoum (2014). Como punto de la partida para rescatar y ordenar recuerdos juveniles, un narrador – personaje adulto busca comprender fatos pasados y entender lo que no le hacía sentido en un determinado punto de su vida. Dese modo, partiendo de la lectura de los textos literarios y de lo concepto del discurso memorialístico, observa lo modo como son organizadas eses recuerdos en la narrativa de Hatoum, bien como cuáles son las marcas lingüísticos – textuales que indican un tiempo psicológico en que los acontecimientos, de los fatos, que siguen una línea cronológica, son representados y revividos. Espera, así, con ese estudio contribuye para prácticas de lectura y de la formación de lectores en lo ensino fundamental.

Palabras-claves: Lectura. Texto literario. Narrativa de la memoria.



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO NA ESCOLA.....	10
3. DISCURSO MEMORIALÍSTICO EM TEXTOS NARRATIVOS .	12
4. DESCRIÇÃO DA OBRA E DO AUTOR .....	13
5. ANÁLISE DE PASSAGENS DO CONTO.....	15
6. PARA CONCLUIR.....	20
REFERÊNCIAS .....	22
ANEXO A .....	24



## 1. INTRODUÇÃO

Como se dá a organização textual de lembranças pessoais, juvenis, em uma narrativa breve (conto), de caráter memorialístico?

É possível que essa organização se dê a partir da emersão dos acontecimentos armazenados na memória pessoal daquele que escreve e que esses acontecimentos sejam organizados em um tempo cronológico, entrecortado por flashback.

Ou também é possível que o narrador organize seus relatos memorialísticos, usando estratégias linguísticas/textuais para assim marcar um tempo pretérito da narrativa que irá situar o leitor nesse tempo passado e a partir daí seguir uma narrativa em uma linha cronológica, marcada como um ponto de partida para resgatar/ordenar lembranças juvenis, por parte de um narrador-personagem adulto.

Meu interesse em aprofundar conhecimentos sobre a presença do discurso memorialístico, em textos literários, surgiu quando eu percebi que por meio da linguagem é possível marcar os acontecimentos em uma linha temporal seja de modo prospectivo ou retroativo.

Considerando isso, o objetivo deste artigo é desenvolver reflexões sobre as categorias da ação e de tempo que permitem reconstruir os acontecimentos lembrados em narrativas de relatos pessoais, memorialísticos.

Por essa razão, foi feito um estudo da marcação do tempo no conto “Varandas da Eva”, de Milton Hatoum, considerando aspectos da organização textual que indicam o discurso memorialístico, ou seja, como são organizadas as lembranças do narrador personagem.

Para fundamentar teoricamente este trabalho, considereei a noção de discurso memorialístico, baseando-me em Rodrigues (2010), Marques (2014) entre outros; a noção de leitura do texto literário, em Silva (2006), em Zinane; Santos; Wagner (2007); e noção de tempo verbal e outros recursos que indicam tempo/lugar, em Bechara (2006), Moreira (2007) e Kopschitz (1998).

Quanto à metodologia adotada, optei por identificar no conto as marcas linguísticas que indicam o discurso memorialístico e, depois, interpretar o efeito de sentido que permite progredir a trama narrativa.

O conto *Varandas da Eva* tem como narrador o protagonista da história, cujo nome não é revelado ao leitor. No enredo, que se dá com a reconstrução de memórias do passado, percebemos o narrador protagonista, uma personagem já adulta que, ao encontrar uma outra personagem que até então estava com sua identidade em anonimato, desperta em sua memória uma situação mal-resolvida.

Com isso, um turbilhão de lembranças emergem em sua mente, fazendo com que o narrador reflita sobre elas e, assim, para reordená-las vai se dando a narrativa, que é toda construída a partir do discurso memorialístico, que segue uma linha cronológica descrevendo fatos, lugares e personagens em que se mesclam realidade com ficção, causando um efeito verossímil contagiante em seu leitor, fazendo com que ele mergulhe nesse mundo imaginário da narrativa ficcional, dando mais vida ao enredo.

Com este estudo, espero contribuir para o desenvolvimento de práticas de leitura e/ou produção de texto que envolvam estratégias linguístico-textuais próprias do discurso memorialístico, em situações de ensino de Língua Portuguesa.

A seguir, abordaremos a importância do texto literário na escola.

## **2. Leitura do texto literário na escola**

O saber da teoria literária para a docência, nos dias de hoje, torna-se imprescindível para a formação dos leitores, pois havendo esse respaldo os professores de língua portuguesa estarão aptos a pensar estratégias de escrita/leitura com seus alunos para trabalhar com textos literários em sala de aula, conforme Silva (2006).

A teoria literária é muito importante na escola para subsidiar a prática do professor no sentido de ampliar conhecimento teórico e crítico, para práticas sobre o fazer literário e a recriação do texto pelo leitor. Dessa maneira, a leitura literária se faz necessária na escola.

Ainda percebemos nas escolas uma carência de práticas de leitura de obras literárias; práticas essas, que poderiam ser trabalhadas a partir do contexto histórico-social em que o aluno está inserido, para pensar em formar leitores críticos e autônomos, capazes de desenvolver uma leitura crítica de mundo. Assim, o aluno teria de ler texto literário na escola para buscar a experiência de ler por ação cultural, tendo o objetivo de atrelar

significado ao texto. E muitas vezes a leitura literária na escola é tratada com menos ênfase do que deveria. É desenvolvida a elaboração de uma ficha de leitura e não uma análise e interpretação mais a fundo do texto.

Conforme Lucas (1989), *apud* Zinani, Santos e Wagner(2007), esse autor distingue livro literário, de livro funcional. Esse último trataria e traduziria o desenvolvimento do ser humano nas diferentes esferas do conhecimento. Já o livro literário estaria relacionado à necessidade cultural e não teria um compromisso com o saber utilitário. Assim, identificamos ser preciso um trabalho para adquirir o gosto pela leitura, para iniciar os jovens como leitor. Com isso será possível pensar na formação de leitores e não somente trabalhar nas escolas apenas com leitura funcional.

De acordo com a orientação dos PCN (1998), a leitura literária tem de ser trabalhada nas escolas com intuito de formar cidadãos críticos com capacidade de interpretar a linguagem conotativa expressa em livros literários ou poéticos. Além disso, tem o intuito de formar leitores capazes de fazer reflexões com esses textos literário para sua vida. Dessa forma, podemos dizer que a leitura literária nas escolas provoca o aluno a sair da zona de conforto da leitura dos textos que dizem o óbvio para trabalhar com leitura literária para buscar nela um aparato de compreensão de conhecimento de mundo muito amplo que envolve pesquisa e trabalho científico.

Podemos perceber que o trabalho com leitura literária nas escolas é de grande importância, pois com ele teremos alunos mais críticos e com conhecimento de mundo. Conhecimento esse que poderá ajudá-los em atividades interdisciplinares e em situações socioculturais.

Daí a importância de desenvolver a leitura de textos literários na escola e o gosto por ela, pois assim, teremos cidadãos com orientação para ler o mundo e captar sua linguagem. Seja ela de uma política atual ou de outras dimensões de tempos, a fim de assimilar outras culturas, até mesmo um lugar utópico que só existe na memória, possível de relembrar com o discurso memorialístico, que abordaremos no subtítulo a seguir.

### 3. Discurso Memorialístico em Textos Narrativos

Textos narrativos com discurso memorialístico são muito presentes em nossas vidas. Desde pequenos ouvimos esse tipo de textos quando, desde cedo, nossos pais, avôs, ou tios com hábitos de contar histórias, levam-nos para um mundo da imaginação, quando nos narram história que fazem nos defrontar com enredos de memórias reais ou fictícios. É esse tipo de texto que nos interessa neste trabalho.

Conforme Rodrigues (2010), conto ficcional, de fundo memorialístico, apresenta a vida de uma pessoa, seja de modo inventado, seja de um modo que se aproxime da vida de alguém de fora da ficção, muitas vezes, a vida do próprio autor. Isso possibilita um narrador personagem em narrativas em que, “a experiência memorialística é uma imaginação de experiências vividas”. Com isso, o narrador pode muitas vezes usar a roupagem de personagens, fatos e cenários reais para produzir o fictício dando asas a sua imaginação.

Segundo Raquel I. Bueno (2008), *apud* Rodrigues (2010), a memória física mistura-se à memória fictícia. E o que conseguimos entender com isso é que muitas vezes na narrativa personagens reais emprestam seu perfil para os personagens fictícios fazendo com que seja possível escrever uma narrativa com grande verossimilhança, assim fica difícil para o leitor mediano separar a ficção da realidade.

Já para Marques (2014), o discurso memorialístico na ficção permite filtrar da memória, fatos que se tornarão, “depois de muito tempo, imagens e sons na memória”. Se percebe com isso, que a lembrança cria a proximidade com as coisas, tornando-as presente através da linguagem e assim, torna possível esse movimento como uma viagem no tempo.

Dessa forma, o memorialismo é um recurso que pode ser empregado em um conto, permitindo trazer para um tempo fatos de um passado a ser compreendido à luz da experiência do presente. Além disso, o discurso memorialístico permite conhecer um mundo de memórias do passado, que traz um contexto histórico e geográfico do passado de lugares que hoje são totalmente diferentes.

Nas narrativas breves como o conto, o narrador pode escrever sucessões de acontecimentos que envolvem uma mesma ação, conforme Gotlib (2006). Essas narrativas podem relatar fatos reais ou inventados, pois relatar é trazer no discurso falado ou escrito fatos que já aconteceram, lembrá-los. O narrador pode fazer parte da história, ou apenas

narrá-la por conhecê-la. Mas o narrador terá que criar estratégias que consigam manter a atenção do leitor. Uma dessas estratégias usadas para atrair atenção do leitor é misturar o real com o fictício causando um interesse no leitor em saber o desfecho da narrativa, como se as personagens fossem reais.

Assim, no enredo do conto, a verossimilhança é um elemento sempre presente, “essência do texto de ficção”, conforme Gancho (2006). Fatos que decorrem inventados, mas que na narrativa dão elementos de credibilidade para o leitor, fazem com ele se interesse pela leitura. Uma história inventada, mas com uma roupagem de personagem que existem na realidade.

Também devemos dar atenção à construção do enredo, que é outro ponto muito importante, pois esse tem de ter uma estrutura na qual se organizam elementos que, segundo Gancho (2006, p. 14) são: “exposição, complicação, clímax e desfecho.”

Esses elementos devem ser analisados seguidamente na ordem como se organizam na narrativa, desde o início da história, situando ao leitor o que vai ser contado; depois, o desenvolvimento, seguindo a parte mais importante que se dá a narrativa, ou seja, a causa/ a complicação de ações; e, por último, e, não menos importante, o final da narrativa que pode se caracterizar como uma “conclusão”, deslindando-se às vezes com uma solução para uma complicação, ou ainda uma tentativa de resolução de um conflito psicológico do passado.

Na seção seguinte, apresentaremos a descrição da obra e do autor.

#### **4. Descrição da obra e do autor**

O conto moderno “Varandas da Eva”, estudado no presente artigo, é o primeiro conto do livro de contos “Cidade Ilhada”, de Milton Hatoum que foi lançado em 2014 pela editora Companhia das Letras, no formato “de bolso”.

O escritor amazonense escreveu esse livro que levou dezoito anos para ser publicado. Ele começou a escrever os contos na década de 80. O primeiro conto da coletânea é “Varandas da Eva”. E segundo Hatoum foi esse texto que deu origem ao seu livro “Um Relato de Um Certo Oriente”.

Nesse conto moderno, “Varandas da Eva”, o narrador conta a história de um grupo de amigos. Minotauro era forte e afoito. Gerinélson era mais paciente e já namorava. Tarso era mais humilde e envergonhado: nunca disse onde morava. Todos eram ainda muito jovens e já conheciam a noite. Mas o lugar Varandas da Eva mencionado na história para eles ainda era um mistério. Ranulfo, o tio do narrador, promete aos meninos que um dia pagará a eles as entradas para irem até aquele lugar. Mira, a tia do narrador, costurou uma calça e uma camisa para Tarso, pois esse era muito pobre.

Quando chegou tão esperado dia para conhecerem o Varandas, o grupo de amigos estava muito ansiosos, ia então finalmente conhecer o que aquele lugar tinha de atraente e misterioso. Porém um deles, Tarso, não conseguiu entrar no Varandas e acabou fugindo. Os amigos logo se dispersaram e o personagem protagonista da história logo se viu atraído por uma mulher, que o chamou para dançar. Após envolvê-lo, ela o seduz, levando-o para uma das cabanas avarandadas. Assim, passa a noite com o rapaz e ali lhe ensina a arte de amar. Ele então fica perdidamente apaixonado por essa mulher que nem mesmo concede a ele saber seu nome. Depois dessa noite, ele não a viu mais. Procurou em todos lugares que achava possível encontrá-la, mas não a encontrou.

Passados alguns anos, já não era mais tão jovem, quando divagava perto de um rio e admirava pássaros pousando nos igarapés, observou por acaso um homem chegando de barco numa das palafitas da beira do rio, ele o reconheceu. Era Tarso, seu amigo daquela época do Varandas da Eva que estava chegando em casa.

A surpresa maior foi quando uma mulher veio receber Tarso e de relance seus olhos se encontraram. E a voz dela chamou: “Meu filho!”

Nesse momento, todas as lembranças vieram à tona e o protagonista reconheceu a mulher. Era ela, a mulher da casinha vermelha do Varandas da Eva. A mulher por quem ele se apaixonou e por quem tanto procurou. A partir dessa situação, estava explicado o comportamento de um dos meninos. A mulher do Varandas era a mãe de seu amigo.

A partir daí, uma enxurrada de lembranças se dá na mente do protagonista da história, solucionando o conflito psicológico amoroso que tinha sido iniciado, naquela noite que ele entrou no Varandas e conheceu aquela mulher que o fez se apaixonar e nem lhe permitiu saber seu nome.



Com a descoberta da identidade da personagem misteriosa, tudo se encaixa, se permite a compreensão do enredo da história. Esse encontro por acaso torna possível a lembrança de um passado que se torna presente e através da escrita detalhada e organizada para percepção de uma história, que enfatiza um tema e intertextualiza outra história onde se protagoniza uma paixão conflituosa e não correspondida.

Considerando esses aspectos, passamos à seção seguinte para tratar da análise de passagens do conto que marcam a presença do discurso memorialístico.

## **5. Análise de Passagens do Conto**

Começaremos a análise a partir do título do conto “Varandas da Eva”, que denota relevância significativa para o desenvolvimento da narrativa. Segundo dicionário de língua portuguesa (Holanda, 2010), “Varandas” significa um lugar para descansar ou relaxar. Dessa forma, “Varandas” representa “um lugar” onde muita coisa poderá acontecer. Talvez o lugar onde tudo terá o seu começo.

Já “Eva”, de acordo com a Bíblia (1990), no livro de Gênesis, representa a mulher que vai envolver e induzir Adão, o primeiro homem a sair do estado de pureza para um estado de pecado.

Assim, considerando esses aspectos, notamos então muita semelhança com a personagem feminina da narrativa, “sem nome”, que vai se revelar dessa maneira sedutora e envolvente e que induzirá o personagem protagonista a sair do estado de pureza, iniciando-o sexualmente. O título então sintetiza com perfeição a narrativa que se introduz. E, assim, é a partir de uma determinada situação, que se revelará ao final do conto, o leitor conhecerá a história do protagonista

Será essa determinada situação que levará o narrador a retomar em sua memória fatos passados que permitem uma volta ao passado e a detalhes de vivências de uma época. Levando, desse modo, o leitor a viajar junto com ele nesse tempo, reconstruído cronologicamente. É o enredo da história de um grupo de amigos manauaras que disfrutavam de uma Manaus que hoje já não existe mais e um mundo muito diferente do mundo de hoje.

Logo no início do conto, o narrador vai apresentando para o leitor esse universo. E assim as lembranças começam a ser desenhadas, conforme trecho 1:

#### Trecho 1

Varandas da Eva: o nome do lugar.

Não era longe do porto, mas naquela época a noção de distância era outra. O tempo era mais longo, demorado, ninguém falava em desperdiçar horas ou minutos. Desprezávamos a velhice, ou a ideia de envelhecer; vivíamos perdidos no tempo, as tardes nos sufocavam, lentas: tardes paradas no mormaço. Já conhecíamos a noite: festas no Fast Clube e no antigo Barés, bailes a bordo dos navios da Booth Line, serenatas para a namorada de um inimigo e brigas na madrugada, lá na calçada do bar do Sujo, na praça da Saudade. Às vezes entrávamos pelos fundos do teatro Amazonas e espiávamos atores e cantores nos camarins, exibindo-se nervosamente diante do espelho, antes da primeira cena. Mas aquele lugar, Varandas da Eva, ainda era um mistério. (Hatoum, 2014, p.7.)

Verificamos no início desse trecho da narrativa o uso de um pronome demonstrativo na expressão “naquela época”, que nos dá ideia de distanciamento, entre o que foi vivido e o que é contado.

O uso desse pronome demonstrativo, segundo Bechara (2009, p. 167), “indica a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso. Esta localização pode ser no tempo, no espaço ou no discurso”. De um certo modo, essa localização marcada pelo pronome indica a retomada de lembranças tanto no tempo, no espaço quanto no discurso. Assim, confirmamos que o uso desse recurso linguístico introduz o leitor no discurso memorialístico.

Além desse recurso linguístico-textual, também percebemos na narrativa o uso dos tempos verbais no pretérito imperfeito.

Segundo Bechara (2009), os tempos verbais do passado ou tempos do pretérito (imperfeito) remetem à narração de fatos já acontecidos e, portanto, anteriores ao momento da fala.

O pretérito imperfeito é usado na escrita para dar indicação de fatos passados, mas inacabados. Como vemos no trecho 1, os verbos aparecem conjugados no pretérito imperfeito como: “falava”, “desprezávamos”, “vivíamos”, “sufocavam” e “entrávamos”.

Isso causa, na narrativa, um efeito de ação passada, mas não acabada. Tudo isso para elaborar o discurso memorialístico que remete o leitor ao enredo que reconstrói as experiências das personagens, os espaços geográficos existentes apenas na memória do narrador. E, a partir dos fatos passados, ele conta ao leitor o que aconteceu.

Em um outro trecho, o narrador apresenta seu grupo de amigos adolescentes que o acompanhara até o prostíbulo “Varandas da Eva”:

#### Trecho 2

Minotauro, fortaço e afoito (...). Gerinélon era mais paciente, rapaz melindroso, sabia esperar (...). O Tarso era o mais triste e envergonhado: nunca disse onde morava. (Hatoum, 2014, p. 7-8)

Por meio da descrição, é possível identificar o comportamento de cada um e prever o que dois deles desejavam na flor da adolescência, menos um: Tarso. Perguntamo-nos do que tinha vergonha? Esse questionamento será resolvido oportunamente na trama.

Em outra passagem, o narrador nos conta a chegada ao Varandas da Eva e o comportamento dos amigos:

#### Trecho 3

Marcamos a noitada para uma sexta-feira de setembro. Gerinélon pegou o dinheiro, quis ir sozinho, de lambreta. Tio Ran nos levou em seu Dauphine, parou quase na porta, nos desejou boa noitada. Quando íamos entrar, Tarso hesitou: deu uns passos para a frente, recuou, quis e não quis entrar. Ficou mudo, mais e mais esquisito, fechou-se. Nós o desconhecemos: luz e dança não o atraíam? Minotauro puxou-o pela camisa, enganchou a mão no pescoço dele, repetindo: Bora lá, seu leso. Nosso amigo abaixou a cabeça, concordando, mas com um salto se desgarrou, e correu para a escuridão.

Tarso, um desmancha-prazer. Deixamos o nosso amigo. A vontade não é de cada um e em cada dia? Minotauro soltou um grunhido, resmungou: Não disse? Roupinha nova é mimo pra mocinha.

Entramos. Um caminho estreito e sinuoso conduzia ao Varandas da Eva. Aos poucos, uma sombra foi crescendo, e no fim do caminho uma luminosidade surgiu na floresta. Era uma construção redonda, de madeira e palha, desenho de oca indígena. Mesinhas na borda do círculo, um salão no meio, iluminado por lâmpadas vermelhas. Uns casais dançavam ali, a música era um bolero. Minotauro apontou uma mesinha vazia num canto mais escuro. Sentamos, pedimos cerveja, um cheiro de açucena vinha do mato. E Gerinélon, se extraviara? (Hatoum, 2014, p.9)

Considerando essa passagem, verificamos que os adolescentes não tiveram dificuldades em adentrar ao lugar. No entanto, o narrador indica que para Tarso esse não era seu desejo. Diante dos fatos, é possível que o leitor questione a orientação sexual dessa personagem. Porém, para o narrador o que fica é um grande mistério que não se explica naquele momento.

Estando na casa de luz vermelha, o protagonista será envolvido por uma mulher misteriosa.

#### Trecho 4

Ela me ensinou a fazer tudo, todos os carinhos, sem pressa, com o saber de mulher que já amou e foi amada. Passamos a noite nessa festa, sem cochilo, e muitos risos, de só prazer. Fez coisas que davam ciúme, carícias que não se esquecem. Perguntei como ela se chamava. Ela disfarçou, e disse, rindo: Meu nome? Tu não vais saber, é proibido, pecado. Meu nome é só meu. Prometo. (Hatoum, 2014, p. 10.)

Após esse encontro amoroso, o narrador fica perdidamente apaixonado e deseja manter essa relação. No entanto, não será possível. Ao voltar no dia seguinte, não encontrará mais a mulher e se sentirá perdido sem ela, conforme podemos observar no trecho a seguir.

#### Trecho 5

Voltei ao Varandas no mesmo dia, a fim de revê-la; voltei muitas vezes, sempre sozinho, nunca mais a encontrei (...)

Nos meses seguintes, ainda tentei ver a mulher, pulava de um clube para outro, os lupanares de Manaus. Até hoje, sinto ânsia só de lembrar.

(Hatoum, 2014, p.10.)

Na narrativa, existe o tempo marcado pelo relógio, o cronológico. Assim, temos horas, dias, anos marcando o amadurecimento do narrador. Esse tempo objetivo é mais visível para o leitor. No entanto, também há o tempo psicológico dos acontecimentos que é o tempo da memória dos fatos internalizadas pelo narrador. É a maneira pela qual a passagem do tempo é vivenciada. Conforme Gancho (2006),

os fatos nem sempre são evidentes, porque não equivalem a ações concretas da personagem, mas a movimentos interiores; seriam fatos emocionais que comporiam o enredo psicológico. Excetuando esse aspecto, o enredo psicológico se estrutura como o enredo de ação; isto equivale a dizer que tem um conflito, apresenta partes, verossimilhança e portanto é passível de análise. (p.16)

Em outra parte da narrativa, o narrador reencontra um dos amigos: Minotauro que ali então oferece informações dos outros personagens do grupo de amigos:

Trecho 6

Três anos depois, meus tios Mira e Ran mudaram de bairro; os encontros com meus amigos tornaram-se fortuitos, minha vida procurou outros rumos. O único que cruzou o meu caminho foi Minotauro; cruzou por acaso, quando eu saía do bar Mocambo e ele ia visitar um amigo no quartel da Polícia Militar. Estava fardado, era soldado S1 e se preparava para o exame de suboficial da Aeronáutica. [...] Ele havia topado com o Gerinélson. O lesão do Geri viajou para São Paulo. Quer ser doutor, médico de mulher. [...] E o Tarso? Mais pobre do que eu, ele disse. Deve estar caído por aí. Pobre pobre não se levanta, mano. Nem soldado o coitado do Tarso pode ser. (Hatoum, 2014, p. 11.)

Entendemos com tudo isso que esse encontro do narrador com Minotauro foi uma estratégia usada, para situar o leitor acerca do rumo que levou cada uma das passagens, bem como indicar como se encontravam na fase adulta cronológica da história.

Já nas últimas partes, conseguimos perceber o clímax da narrativa com o encontro inusitado do narrador já adulto e mais velho com a mulher do passado, ainda em anonimato. Esse encontro desperta no narrador o seu conflito e esclarece o que até então era um mistério.

Trecho 7

O corpo do meu amigo, curvado pelo peso, era o de um homem. Subiu uma escadinha de madeira, deixou o cesto na porta de uma palafita, voltou à margem e puxou a canoa até a areia enlameada. À porta apareceu uma mulher para apanhar o cesto. Reapareceu em seguida e acenou para Tarso. Num relance, ela ergueu a cabeça e me encontrou. Estremeci. Eu ia virar o rosto, mas não pude deixar de encará-la. Ela me atraía, e a lembrança surgiu agitada, confusa. A voz dela chamou: Meu filho! A mesma voz, meiga e firme, da moça, da mulher da casinha vermelha, no balneário Varandas da Eva. Era a mãe do meu amigo? Isso durou uns segundos. Por assombro, ou magia, o rosto dela era o mesmo, não envelhecera. Mal tive tempo de ver os braços e as pernas, a memória foi abrindo brechas, compondo o corpo inteiro daquela noite. (Hatoum, 2014, p. 12.)

A análise desse trecho que finaliza a narrativa é muito importante, pois nela é possível percebermos como se dá a volta do passado. A partir daí, um turbilhão de lembranças surge na memória do narrador. Ele compreende o porquê do anonimato da identidade da mulher.

E, assim, após descobrir a identidade da personagem misteriosa que o seduziu no passado, ele consegue reconstruir através do discurso memorialístico, das imagens que surgem de suas lembranças, o desfecho da história que lhe havia causado dor.

Em resumo, quando o narrador descobre a identidade da mulher misteriosa, seu conflito interior se resolve e ele pode prosseguir com a sua vida.

Segundo Ferreira (2013), a partir da memória, um lugar onde são guardadas lembranças de vivências diversas, é possível, reorganizar fatos vividos de modo a dar-lhes identidades, possibilitando assim a compreensão de causas de conflitos psicológicos presentes em narrativas, em ficções memorialísticas.

E, é dessa forma, que o narrador resgata o vivido, reorganiza-o em uma narrativa em primeira pessoa, de modo a significar o que até então não tinha um sentido completo.

## **6. Para concluir...**

Podemos observar com esse estudo que teve como base uma narrativa de fundo memorialístico, como ponto de partida para resgatar/ordenar lembranças juvenis, por parte de um narrador-personagem adulto, que, uma história possibilita a organização de lembranças desencadeadas a partir de uma visão: um ente querido/desejado do passado é visto em um tempo presente.

Esse encontro levará o narrador a narrar acontecimentos em uma linha cronológica, em que há a retomada de situações passada, mas a partir de um eixo temporal presente. Isso é possível por meio do uso de recursos linguísticos como verbos no pretérito e pronomes demonstrativos, além de expressões adverbiais com valor de tempo passado.

Com esse estudo, podemos concluir que é importante escolher recursos linguísticos textuais para marcar a organização do discurso memorialístico. Isso permite reconstruir as experiências de vivências em narrativa curtas como os contos.

Em aulas de Língua Portuguesa, em situações de prática de leitura e/ou produção textual, discutir a utilização desses recursos linguísticos, bem como se dá a organização do discurso memorialístico, é uma forma de pensar práticas de leitura de textos literários. Também é um ponto de partida para se formar leitores e escritores mais críticos.

A prática de leitura do texto literário deve ser cultivada na escola, pois assim permitirá ao aluno desenvolver um olhar diferenciado para o mundo e para qualquer situação em sociedade.

**REFERÊNCIAS**

BECHARA, Evanildo (2009). **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

**BÍBLIA, Sagrada** (1990). Edição Pastoral. São Paulo: Paulus.

**BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa** (1998). Brasília: MEC/SEF da Educação.

FERREIRA, Amanda C. (2013). **Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira**: Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG.

GANCHÓ, Cândida Vilares, (2006). **Como analisar Narrativas**. 9.ed. São Paulo: Ática.

GOTLIB, Nádya Battella, (2006). **Teoria do conto**. 11.ed. São Paulo: Ática.

HATOUM, Milton, (2014). **A Cidade Ilhada**: Contos.1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso.

HOLANDA, Aurélio B. de (2010). **Dicionário de Língua Portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo.

KOPSHITZ, Lúcia B. (1998). **Coesão e coerência em narrativas escolares**. São Paulo: Martins Fontes.

MARQUES. Helton, (2014). **O Discurso Memorialista e a constituição do sujeito no conto “Um Cinturão” de Graciliano Ramos**. Disponível em: <http://www.cpr.uem.br/evento/31/-/iii-coloquio-internacional-de-estudos-linguisticos-e-literarios-iii-cielli>. Acesso em: 02de set. de2015.

MOREIRA, Maria E.O., (2007). *Tempos verbais e progressão temática na narrativa: o que nem sempre é perceptível*. In: **Texto e discurso sob múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna.



RODRIGUES, Milton Hermes, (2010). **Ficção Memorialística Estrutura Cronológica.**

Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/ColoquioLetras/miltonhermes.pdf>. Acesso em: 02 de set. de 2015.

SILVA, I. M. M, (2006). **Literatura em sala de aula: da Teoria Literária à Escolar.**

Anais do Evento PG Letras 30 anos Vol. I (1): 514-527.

ZINANI, C. J. A.; SANTOS, S.R. P. dos; WAGNER, T. M. C., (2007). **Leitura do texto Literário: prazer e aquisição de conhecimentos.** Perspectiva, Florianópolis, v. 25, n. 2, 387-401, jul./dez.

**ANEXO A**Conto**VARANDAS DE EVA**

(Milton Hatoum)

Varandas da Eva: o nome do lugar.

Não era longe do porto, mas naquela época a noção de distância era outra. O tempo era mais longo, demorado, ninguém falava em desperdiçar horas ou minutos. Desprezávamos a velhice, ou a ideia de envelhecer; vivíamos perdidos no tempo, as tardes nos sufocavam, lentas: tardes paradas no mormaço. Já conhecíamos a noite: festas no Fast Clube e no antigo Barés, bailes a bordo dos navios da Booth Line, serenatas para a namorada de um inimigo e brigas na madrugada, lá na calçada do bar do Sujo, na praça da Saudade. Às vezes entrávamos pelos fundos do teatro Amazonas e espiávamos atores e cantores nos camarins, exibindo-se nervosamente diante do espelho, antes da primeira cena. Mas aquele lugar, Varandas da Eva, ainda era um mistério.

Ranulfo, tio Ran, o conhecia.

É um balneário lindo, e cheio de moças lindas, dizia ele. Mas vocês precisam crescer um pouquinho, as mulheres não gostam de fedelhos.

Invejávamos tio Ran, que até se enjoara de tantas noites dormidas no Varandas. A vida, para ele, dava outros sinais, descaía para outros caminhos. Enfastiado, sem graça, o queixo erguido, ele mal sorria, e lá do alto nos olhava, repetindo: Cresçam mais um pouco, cambada de fedelhos. Aí levo todos vocês ao balneário.

Minotauro, fortaço e afoito, quis ir antes. Foi barrado no portão alto, cuspiu na terra, deu meia-volta, quase marchando para trás. Era um destemido, o corpo grandalhão, e um jeito de encarar os outros com olho quente, de meter medo e intimidar. Mas a voz ainda hesitava: era aguda e grossa, de periquito rouco, e o rosto de moleque, assombrado, meio leso.

Gerinéilson era mais paciente, rapaz melindroso, sabia esperar. Já namorava de dar beijos gulosos e acochos, e nos surpreendia em pleno domingo guiando uma lambreta velha, roubada do irmão. Na garupa, uma moça desconhecida, de outro bairro. Ou estrangeira. A máquina passava perto da gente, devagar, roncando, rodeando o tronco de uma árvore. Depois acelerava, sumindo na fumaceira. Ele sempre gostou de desaparecer, extraviar-se. Gerinéilson era e não era da nossa turma. Eu o considerava um dos nossos. Ele, não sei. Tinha uns segredos bem guardados, era cheio de reticências: não se mostrava, o rapaz.

O Tarso era o mais triste e envergonhado: nunca disse onde morava. Desconfiávamos que o teto dele era um dos barracos perto do igarapé de Manaus; um dia

se meteu por ali e sumiu. Raro sair com a gente para um arrasta-pé. Ele recusava: Com esses sapatos velhos, não dá, mano. Um cineminha, sim: duas moedas de cada um, e pagávamos o ingresso do Tarso. E lá íamos ao Éden, Guarany ou Polytheama. Depois da matinê, ele escapulia, não ficava para ver as meninas da Escola Normal, nem as endiabradas do Santa Dorothea. Tarso queria vender picolés e frutas na rua, queria ganhar um dinheirinho só para entrar no Varandas da Eva. Mas era caro, não ia dar. Então tio Ranulfo prometeu: Quando chegar a hora, pago pra todos vocês.

Tio Ran, homem de palavra, foi generoso: espichou dinheiro para a entrada e a bebida. Depois tirou um maço de cédulas da carteira. Disse: Isso é para as mulheres. E nada de molecagem. Cada um de vocês deve ser um gentleman com aquelas princesas.

Contamos as cédulas: dava e sobrava, era a nossa fortuna. Compramos na Casa Colombo um par de sapatos, e tia Mira costurou uma calça e uma camisa, tudo para o Tarso. Quando ele experimentou a roupa nova, parecia outro, ia chorar de alegria, mas Minotauro, maldoso, debochou: Deixa pra chorar depois da farra, rapaz. Quem fica feliz de roupinha nova é moça.

Eles ficaram cara a cara, os olhos com faíscas de rancor. Tia Mira se intrometeu, com súplicas de trégua e paz. Os dois olharam para minha tia, os rostos mais serenos, o pensamento talvez em outras searas.

Marcamos a noitada para uma sexta-feira de setembro. Gerinélson pegou o dinheiro, quis ir sozinho, de lambreta. Tio Ran nos levou em seu Dauphine, parou quase na porta, nos desejou boa noitada. Quando íamos entrar, Tarso hesitou: deu uns passos para a frente, recuou, quis e não quis entrar. Ficou mudo, mais e mais esquisito, fechou-se. Nós o desconhecemos: luz e dança não o atraíam? Minotauro puxou-o pela camisa, enganchou a mão no pescoço dele, repetindo: Bora lá, seu leso. Nosso amigo abaixou a cabeça, concordando, mas com um salto se desgarrou, e correu para a escuridão.

Tarso, um desmancha-prazer. Deixamos o nosso amigo. A vontade não é de cada um e em cada dia? Minotauro soltou um grunhido, resmungou: Não disse? Roupinha nova é mimo pra mocinha.

Entramos. Um caminho estreito e sinuoso conduzia ao Varandas da Eva. Aos poucos, uma sombra foi crescendo, e no fim do caminho uma luminosidade surgiu na floresta. Era uma construção redonda, de madeira e palha, desenho de oca indígena. Mesinhas na borda do círculo, um salão no meio, iluminado por lâmpadas vermelhas. Uns casais dançavam ali, a música era um bolero. Minotauro apontou uma mesinha vazia num canto mais escuro. Sentamos, pedimos cerveja, um cheiro de açucena vinha do mato. E Gerinélson, se extraviara? Na luz vermelha, quase noite, Minotauro me cutucou: uma mulher sorria para mim. Não vi mais o Minotauro, nem quis saber do Gerinélson. Só olhava para ela, que me atraía com sorrisos; depois ela me chamou com um aceno, girando o indicador, me convidando para dançar. Não era alta, mas tinha um corpo cheio e recortado, e um rostinho dos mais belos, com olhos acesos, cor de fogo, de gata maracajá. Dançamos três músicas, e dançamos mais outras, parados, apertadinhos, de corpo molhado. Ela percebeu minha ânsia, me apertou com gosto, e me levou, no ritmo lento da música, para fora do salão. Por outro caminho me conduziu a uma das casinhas vermelhas, avarandadas, na beira de um igarapé. Ficamos um tempo na varandinha, no namoro de beijos e pegações.

Depois, lá dentro, ela fechou a porta, e deixou as janelas entreabertas. O som de um bolero morria na casinha avarandada.

Ela me ensinou a fazer tudo, todos os carinhos, sem pressa, com o saber de mulher que já amou e foi amada. Passamos a noite nessa festa, sem cochilo, e muitos risos, de só prazer. Fez coisas que davam ciúme, carícias que não se esquecem. Perguntei como ela se chamava. Ela disfarçou, e disse, rindo: Meu nome? Tu não vais saber, é proibido, pecado. Meu nome é só meu. Prometo.

A voz e a risada bastavam, minha curiosidade diminuía. Nome e sobrenome não são aparências?

Não quis me ver nem ser vista à luz do dia; quando as águas do igarapé ficaram mais escuras do que a noite, ela pediu que eu fosse embora. Obedeci, a contragosto. Saí no fim da madrugada, caminhando na trilha de folhas úmidas. Naquela manhã o sol teimou em aparecer no céu fechado.

Voltei ao Varandas no mesmo dia, a fim de revê-la; voltei muitas vezes, sempre sozinho, nunca mais a encontrei.

O Tarso disse que não entrou no Varandas porque teve medo.

Medo?

Ele sério, e calado.

Minotauro me contou sua farra, cheia de façanhas. A grande gandaia, noite e dia, ele disse com uma voz que não tremia mais, voz bem grossa, de cachorrão. O Gerinélson me olhou de soslaio, sorriu de fininho, desconversou. Ele não se mostrava mesmo. Gostava das coisas só para ele, guardando tudo na memória, dono sozinho de seus feitos e fracassos.

Nos meses seguintes, ainda tentei ver a mulher, pulava de um clube para outro, os lupanares de Manaus. Até hoje, sinto ânsia só de lembrar.

Tia Mira dizia que eu estava babado de amor. Estás tonto por uma mulher, ela ria, observando meu devaneio triste, meu olhar ao léu.

O Tarso não quis conversar sobre aquela noite. Foi o primeiro a se afastar da turma: teve de abandonar a escola, queria ser prático de motor, ou, quem sabe, capataz numa fazenda do Careiro.

Três anos depois, meus tios Mira e Ran mudaram de bairro; os encontros com meus amigos tornaram-se fortuitos, minha vida procurou outros rumos. O único que cruzou o meu caminho foi Minotauro; cruzou por acaso, quando eu saía do bar Mocambo e ele ia visitar um amigo no quartel da Polícia Militar. Estava fardado, era soldado S1 e se preparava para o exame de suboficial da Aeronáutica. Servia na base terrestre, de guerras na selva. Não queria voar.

Sou homem com pés no chão, ele foi logo dizendo. É emocionante a gente se perder na mata, os perigos me atraem, mano. A gente entra na floresta, escuta os ruídos da noite e

a noite é escura que nem o dia. É um desafio. Toda a cambada tem que caminhar naquele ziguezague escuro, dormir sem saber onde está, matar os bichos e encontrar a saída para a sede do comando.

Falava com desembaraço, cheio de si, alisando com os dedos grossos a boina azul. O rosto continuava assombrado, quase feroz, e a risada saía que nem uivo. Ele havia topado com o Gerinélson:

O leso do Geri viajou para São Paulo. Quer ser doutor, médico de mulher. Quer se aproveitar delas, riu o Minotauro, tenebroso, mostrando dentes de cavalo. Tu nem sabes... O Geri sempre foi sonso, andou pelo Varandas antes da gente, sempre foi caído por mulheres de todas as idades.

Dei um risinho chocho, sem vontade. Minotauro já era meu ex-amigo? Está em outro mundo, nossos pensamentos não se encontram. Foi o que eu remoí naquele instante.

E o Tarso?

Mais pobre do que eu, ele disse. Deve estar caído por aí. Pobre pobre não se levanta, mano. Nem soldado o coitado do Tarso pode ser.

O Minotauro me tratou com carinho. Não sei se naquele dia eu tive pena ou raiva dele. Desprezo, talvez.

Ele se despediu com um abraço forte, de estalar as costelas. Era socado, um monstro. Pôs a boina na cabeça e saiu andando, desengonçado, cumpridor de deveres.

Anos depois, num fim de tarde, eu acabara de sair de uma vara cível, e passava pela avenida Sete de Setembro. Divagava. E já não era jovem. A gente sente isso quando as complicações se somam, as respostas se esquivam das perguntas. Coisas ruins insinuavam-se, escondidas atrás da porta. As gandaias, os gozos de não ter fim, aquele arrojo dissipador, tudo vai se esvaindo. E a aspereza de cada ato da vida surge como um cacto, ou planta sem perfume. Alguém que olha para trás e toma um susto: a juventude passou.

Quando andava diante do Palácio do Governo, decidi descer a escadaria que termina próxima à margem do igarapé; parei no meio da escada e me distraí com a visão dos pássaros pousados nas plantas que flutuavam no rio cheio. Foi então que vi, numa canoa, um rosto conhecido. Era Tarso. Remou lentamente até a margem e saltou; depois tirou um cesto da canoa e pôs o fardo nas costas, a alça em volta da testa, como faz um índio. O corpo do meu amigo, curvado pelo peso, era o de um homem. Subiu uma escadinha de madeira, deixou o cesto na porta de uma palafita, voltou à margem e puxou a canoa até a areia enlameada. À porta apareceu uma mulher para apanhar o cesto. Reapareceu em seguida e acenou para Tarso. Num relance, ela ergueu a cabeça e me encontrou. Estremeci. Eu ia virar o rosto, mas não pude deixar de encará-la. Ela me atraía, e a lembrança surgiu agitada, confusa. A voz dela chamou: Meu filho! A mesma voz, meiga e firme, da moça, da mulher da casinha vermelha, no balneário Varandas da Eva. Era a mãe do meu amigo? Isso durou uns segundos. Por assombro, ou magia, o rosto dela era o mesmo, não envelhecera. Mal tive tempo de ver os braços e as pernas, a memória foi abrindo brechas, compondo o corpo inteiro daquela noite.

Tarso escondeu a canoa entre os pilares da palafita, e entrou pela escadinha dos fundos. A mulher já tinha sumido.

Permaneci ali mais um pouco, lembrando...

Nunca mais voltei àquele lugar.

(HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**: contos. 1.ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.)